

## MULHERES E LUTA POPULAR: A COORDINADORA FEMINISTA 8M NA REVOLTA SOCIAL CHILENA

Ingrid Caroli Cruz<sup>1\*</sup>, Maria Gabriela Guillén Carías<sup>1</sup>

1. UFGD;

\*Autor para contato: [ingrid.caroli.cruz@hotmail.com](mailto:ingrid.caroli.cruz@hotmail.com)

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise da participação do movimento feminista, especificamente a *Coordinadora Feminista 8M*, nas lutas sociais do Chile contemporâneo com ênfase no período da revolta social, nome atribuído pelos movimentos sociais à eclosão popular acontecida em 18 de outubro de 2019. A revolta foi convocada pelos secundaristas do movimento estudantil contra o aumento das tarifas do transporte público tendo como pano de fundo a generalizada precarização da vida, sofrida cotidianamente pela grande maioria da população chilena. Essa precarização é consequência de anos de implantação de medidas neoliberais, tais como o ajuste estrutural, privatização de bens e serviços públicos, tratados de livre comércio, e ataque contra direitos trabalhistas, sendo produto da crise do padrão de acumulação do período de industrialização em meados do século XX. A ditadura civil-militar instaurada com o golpe de 1973 significou um reordenamento desse padrão através do estreitamento da aliança entre as classes dominantes chilenas e o grande capital transnacional, que levou adiante a mercantilização por um lado de terras e pelo outro de serviços públicos como educação, saúde e previdência. Além do movimento estudantil, uma das expressões mais organizadas e articuladas dos movimentos sociais chilenos que atua junto com o movimento popular é a *Coordinadora Feminista 8M*. Essa organização que aglutina grande parte do movimento feminista, tem suas reivindicações se fundamentando numa abordagem feminista transversal, baseada na identificação da condição comum do trabalho precário entre os trabalhadores e trabalhadoras e de violências específicas sofridas pelas mulheres em toda sua multiplicidade - fato que possibilitou a inserção do movimento feminista na totalidade de frentes que lutam contra a exploração capitalista e a opressão do capital e do Estado. O movimento popular exigiu a saída do presidente da república e a elaboração de uma nova Constituição que extinguisse o núcleo de

dominação neoliberal e exploração capitalista, responsável pelas acirradas mazelas sociais que o país atravessa. Esse contexto de indignação generalizada, trouxe como resultado a eleição de uma Convenção Constitucional para reformular a Constituição, sendo os movimentos sociais – especialmente o movimento feminista – atores ativos durante todo o processo com uma agenda de luta constante, que não arrefeceu durante a pandemia. Para apropriar-se da discussão, consultamos uma bibliografia que examina o contexto histórico da reorganização do padrão de acumulação capitalista no Chile a partir do período da ditadura militar e analisamos as ações da *Coordinadora Feminista 8M* a partir das suas páginas nas redes sociais. Pretendemos ainda entrevistar uma mulher chilena com o intuito de ouvir suas vivências no contexto social de articulação do movimento feminista, assim como seu relato sobre a influência do capital transnacional na vida das pessoas no território chileno, mas principalmente sua influência na vida das mulheres. Como conclusão, temos que a participação da “Coordinadora 8M” neste contexto é expressiva, e que suas reivindicações buscam melhorar a condição de vida de toda a população chilena, sejam a respeito de seus territórios, direitos sociais e trabalhistas fundamentais.

**Palavras-chave:** Movimento Feminista; Capitalismo Neoliberal; Revolta Social; Chile.

**Agradecimentos:** Agradeço à CNPq pelo fomento da pesquisa através do programa de bolsas.